

# Contar histórias, tradição familiar

☉ Uma das grandes obras literárias da humanidade, *As mil e uma noites*, narra a história de um rei vingativo. Traído por sua esposa, resolve condená-la à morte e matar todas as rainhas que a sucederiam após o casamento e a primeira noite de amor. Uma de suas escolhidas, no entanto, foi Sherazade. Ela conseguiu escapar do fatal decreto régio ao entreter o monarca, noite após noite, com histórias que se encadeavam e despertavam a curiosidade do rei. Sempre ávido pela continuação dos contos, ele postergava a sentença de morte para o dia seguinte, até a absolvição final da rainha: ela não morreu porque contava histórias interessantes.

Um dos sentidos perenes da arte da narrativa pode ser entrevisto metafóricamente nesse enredo: contar histórias é não morrer, é perpetuar-se, é continuar a existir. Por isso, a humanidade sempre registrou suas memórias.

Em um mundo contaminado pelo instantâneo, porém, qual o sentido do que já foi, do que já não é? Nas sociedades tradicionais, conferia-se o nome de sabedoria à experiência dos antepassados. Representando não apenas um acúmulo de informações, mas a elaboração delas na substância da vida, o saber dos mais velhos representava um manancial de histórias, transmitidas oralmente de geração em geração ou por meio da escrita. O discurso do narrador mostrava-se, assim, pedagógico: não apenas ensinava os mais novos, mas dava sentido ao conhecimento adquirido por meio da vivência pessoal.

No mundo moderno, o cenário é bem diferente: encontramos hiperconectados em notícias e esquecemos as narrativas. A rapidez domi-

nou nossa rotina, tomando a troca de experiências algo aparentemente sem utilidade objetiva, realizado de forma rara ou episódica. As consequências de uma sociedade que destrói a narrativa são terríveis. A primeira delas é a falta de atenção. Nada é permanente, logo, muito pouco é registrado e lembrado. A segunda é a redução do espaço para a imaginação. A ausência da dimensão do sonho ou da fantasia tem efeitos devastadores para a esfera pública, já que perpetua o conformismo com a realidade. Se formos incapazes de imaginar, não conceberemos outro mundo; apenas o do presente, objetivo e "real", existirá.

Das inscrições rupestres até o mais sofisticado romance moderno, os homens procuram gravar suas experiências e sua imaginação a fim de ser lembrados por seus sucessores

Deve-se ressaltar ainda que o cultivo da narrativa no ambiente familiar torna mais denso de sentido o que os mais jovens descobrem: a experiência de quem narra sempre enriquece as histórias. A lembrança tem mais força e permanece muito além do dia em que foi produzida. Se desejarmos que nossos filhos ampliem seus horizontes e adquiram maior consciência do mundo, a narrativa dos que já viveram é um excelente meio. Repleta de saberes e de vivência coletiva, constitui nossa identidade e nossa cultura. É com ela que devemos contar. ::